



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MACARENA DEICHLER CELEDON**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Macarena Deichler Celedon

**Entrevistadora:** Mariana Cristina Borges Novais

**Local da entrevista:** Santos Dumont, Minas Gerais

**Data da entrevista:** 08/02/2017

**Processamento da Entrevista:** Mariana Cristina Borges Novais

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Número da entrevista:** E-834

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 30/04/2019

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Santos Dumont, 08 de fevereiro de 2017. Entrevista com Macarena Celedon a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

**M.C.** – “Meu nome é Macarena Deichler Celedon, tenho trinta anos. Chilena, natural de Santiago. Solteira e não tenho filhos. Eu tenho curso superior em Técnica de Futebol Profissional. Atuo como Treinadora de Futebol com dedicação diária”.

**M.N.** – Eu vou começar perguntando a você, Macarena, como era a sua relação com o futebol desde a sua infância?

**M.C.** – Bom, eu na verdade fui esportista toda a minha infância mas fiz muitos esportes. Fazia natação, fazia ginástica e joguei muito vôlei. Futebol começou quando eu tinha mais ou menos uns catorze anos. Por uma professora na escola que levou o futebol feminino na escola e a gente começou a jogar futebol. Mas eu sempre fiz esporte, mas sempre outros...Natação, ginástica e vôlei eram os meus esportes.

**M.N.** – Entendi. E depois que você começou a jogar futebol, além da professora, houveram outras pessoas que te incentivaram a continuar?

**M.C.** – É que...Nunca joguei futebol...Nunca vi futebol como profissional. Eu jogava na escola. Competia mas contra outras escolas. Mas na época não tinha futebol profissional ainda. Mas eu gostava muito. Eu gostava, tive facilidade por ter praticado muitos esportes na minha vida e ela sempre incentivou, mas na época não tinha futebol profissional no Chile.

**M.N.** – Entendi. E na escola você sempre foi treinada por essa mulher ou você teve treinadores homens também, Macarena?

**M.C.** – Não. Sempre tive duas treinadoras mulheres porque foi nessa escola, depois eu mudei de cidade e aí também teve uma professora de Educação Física. Ela era técnica de futebol da escola, a gente ia competir, mas sempre pelas escolas...Competições escolares.

**M.N.** – Sim. E como era vista a participação de vocês, meninas, no futebol, por outras pessoas?

**M.C.** – Ah, era muito legal, sabe. Porque os pais motivavam muito. Minha mãe, meu pai, os pais das minhas companheiras, eles motivavam muito mesmo. Era muito legal. Os irmãos...Sempre a família, sabe, incentivava.

**M.N.** – E fora da família você via esse apoio também? Da comunidade escolar, por exemplo, nos espectadores...

**M.C.** – Com certeza. É...A gente...Na primeira vez que eu estava em [pausa]...Em primeiro ano, como se fala aqui, primeiro ano do ensino médio, jogávamos vôlei e quase as mesmas jogavam futebol e éramos boas, sabe [riso], aí a torcida, os meninos da escola, dos outros cursos, sempre foi...Nunca como o masculino, mas sempre foi incentivado.

**M.N.** – Bacana. E agora já passando para a sua carreira como treinadora, eu queria que me contasse um pouco como você começou.

**M.C.** – Bom, eu comecei, como eu te falei, no Chile na época não era profissional. Mas, aí eu não consegui jogar profissional mas joguei muito amador. Joguei ligas amadoras, já quando saí da escola, faculdade. Aí eu comecei porque meu irmão...Eu tenho um irmão mais novo que sempre quis ser técnico. No Chile, existe uma Faculdade que chama-se Instituto Nacional de Futebol. Aí ele queria ser técnico e aí meu pai começou: “Macarena, por que você não vai? Por que você não estuda para ser técnica? Você seria pioneira! Primeira no Chile, imagina. Técnica de Futebol!”. Aí eu comecei a pensar “é verdade” porque eu não sabia muito o que queria fazer quando saí da escola. Aí comecei a investigar com meu irmão, meu pai me levou e aí entrei. Aí estudei e fui embora [riso].

**M.N.** - E quando você começou, queria que contasse um pouco como foi sua trajetória, os clubes que você passou, as suas atuações. Como foi isso?

**M.C.** – Bom, eu estando na faculdade, comecei a me destacar. Éramos só três mulheres e duas delas não continuaram. Era um curso de quarenta pessoas, só três mulheres e duas

não continuaram aí eu continuei e comecei a me destacar, sabe. Aí meus professores, eles mesmos me colocaram para fazer os estágios em um clube. Primeiro, num clube profissional: Audax Italiano Futebol Feminino. Aí foi uma experiência *ótima*. O técnico era homem, eu estava na categoria sub-17, o técnico era homem, ex-jogador de futebol que também estudava na minha faculdade e estive um ano com ele. Foi a melhor experiência. Aprendi muito dele. Ele é uma pessoa, cara, ótima. Me ensinou para caramba, tratava muito bem as meninas, era uma pessoa...Sabia muito...E ele era novo, sabe. E foi...Muito lindo. Depois, no terceiro ano da faculdade, fiquei no mesmo clube fazendo o segundo estágio. Aí tinha que ser profissional. Aí passei no Audax Italiano também na categoria profissional. Aí o técnico já mudava. Era homem também mas era um cara mais velho, sabe. Meio machista, meio que nada a ver com o outro da sub-17. Já era mais velho, aquela escola antiga e eu gostei mais de ficar com o treinador da sub-17 [riso].

**M.N.** – Nesse período, então, você encontrou alguma dificuldade para se inserir na carreira como treinadora no profissional, Macarena?

**M.C.** – Não, não senti dificuldade não. Mas não gostei do trato com as atletas, sabe, às vezes, é...Acho que por ele ser mais velho, porque era velho, sessenta e poucos anos. Ele tinha um trato meio despetivo com elas, comigo. Mas ele me ajudava igual, sabe. Era tipo, meio seu jeito. Mas ele estava no futebol feminino, ele era o técnico, é...[pausa]. Me ajudou igual, mas dificuldade para eu ficar não. Eles queriam que eu ficasse para começar a ser a técnica mas aí eu tive uma oportunidade muito boa de fazer meu último estágio, no quarto ano da carreira, no Colo-Colo. O Colo-Colo é o referente no futebol feminino no Chile. Aí eu fui embora do Audax e fiquei no Colo-Colo. Também homem o técnico e a comissão toda, sempre homens. É...Preparador físico homem, técnico homem, massagista homem. No Audax Italiano era bom porque a massagista era mulher e a roupeira era mulher, então éramos três mulheres na comissão. Preparador físico e técnico homem. Aqui no Colo-Colo já era diferente, todos homens. Mas foi uma experiência *incrível* porque o Colo-Colo tem tudo. Estrutura, tudo. E esse ano eles iam jogar a Copa Libertadores, então, foi...Foram oito meses que eu fiquei no Colo-Colo até o final da carreira<sup>1</sup> que foi lindo demais, muito bom. Eu aprendi muito.

**M.N.** - Bacana. E depois que você se formou, as suas passagens já como profissional, como foi?

**M.C.** – Depois que eu me formei comecei a trabalhar num clube de...Como fala...Num clube alemão. No Chile tem várias comunidades e tem clube alemão. Aí eu trabalhei no futebol do clube alemão. Aí era técnica do time, a gente competia contra os outros clubes espanhóis, é...Da Arábia entendeu? As comunidades. Aí eu comecei a me formar. Foi uma experiência ótima porque eu era a técnica, já tinha...E as meninas, tipo no meu...Eu comandava elas. Sempre eu estive como auxiliar onde aprendi muito, sabe, muito mesmo. E acho que foi um processo muito importante porque ser auxiliar para ser técnica é bem diferente. Aí depois que me formei fiquei só um ano ali e decidi vir para o Brasil. Aí quando vim para o Brasil meu primeiro clube foi um clube de categoria de base masculino. Eu trabalhei no Clube Duque Caxiense. Que não é o mesmo que o Duque de Caxias. Duque Caxiense é um clube da terceira divisão do Rio que é profissional. Tem profissional, sub-15, 20 e 17 masculinos. Aí eu era a técnica da sub-15. Aí foi *incrível* também. Uma experiência inesquecível trabalhar com homens, com meninos. Gostei demais. Muito respeitosos, nunca teve...Não tinha nada que falar de preconceito, alguma coisa assim, porque os meninos sempre me respeitaram muito. E acho que também por ser estrangeira, eles viam em mim uma pessoa que podia lhes ensinar coisas diferentes. Aí fiquei um tempo e fui embora. Aí trabalhei no Rio também no Team Chicago. Não sei se você conhece ou já ouviu falar do Alexandre Mathias? Bom, ele tem um projeto que chama-se Team Chicago Brasil que são meninas que...Ele forma meninas para mandá-las aos Estados Unidos. Aí trabalhei com ele quase sete meses no Rio no ano de 2014...2014 não...Sim, 2014. Aí ele...Bom, me convidou para um seminário na CBF aí eu fui e conheci o Doutor Paulo Roberto, do Vitória. E aí conheci ele e recebi o convite para vir para o Vitória como auxiliar técnica.

**M.N.** - Bacana. E você comentou um outro dia que está indo agora para um novo clube, certo?

**M.C.** – É. Eu comecei aqui como auxiliar técnica, aí o técnico decidiu sair e eu assumi como técnica todo o ano passado. Nas duas competições, Pernambucano que saímos

campeãs e na Copa do Brasil chegamos nas quartas de final. E agora...Bom, eu ia comandar o time no Brasileiro mas decidi sair e estou indo para o Clube Central de Caruaru para formar o futebol feminino e competir no Pernambucano também.

**M.N.** – Excelente. E nesses clubes que você atuou, você diria que existe uma progressão hierárquica nos cargos? É possível migrar de cargo indo de preparadora a auxiliar até a treinadora?

**M.C.** – Com certeza. É...O que tem que ser é perseverante. Porque tudo é em seu tempo. Não adianta você se desesperar. Tipo, eu cheguei aqui como auxiliar e eu tinha muito o que aprender. Muito, sabe, eu não me sentia preparada para chegar e comandar um time. Eu acho que vai da pessoa, mas com certeza tem aquilo de hierarquia. Aí o técnico que decidiu sair e eu era sua auxiliar, imediatamente eu fiquei como técnica, entendeu? Aí com o preparador físico vai mudando...Aqui né...Mas com certeza pode passar do preparador físico para auxiliar e até para técnico.

**M.N.** – Bacana. E o que você diria, Macarena, que é importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**M.C.** – O primeiro é estudar. Se preparar. É...Não adianta ter sido uma muito boa jogadora para ser uma boa técnica. E nos homens também. Não adianta ter sido um ótimo jogador e depois chegar e achar que vai ser um ótimo técnico também. Tem que se preparar. Tem que estudar. Porque isso é o principal. Você não pode ensinar o que você não sabe. E o futebol é complicado. Você precisa saber as coisas. Não é só porque você viu nos treinos, porque você era atleta e vai dar aqueles treinos, não. Você tem que, como técnico, criar uma filosofia, uma identidade, um modelo e um método de treinamento. Sobre tudo, um modelo de jogo com que você quer jogar, não é chegar e falar “Ah vai jogar assim o 4x4x2” e pronto. É por que vai jogar aquele 4x4x2? Como o time vai atacar? Como o time vai defender? O que a gente faz quando perde aquela bola? Então o principal para o sucesso é se preparar.

**M.N.** – Legal. E além da faculdade específica que você cursou, quais outros cursos de capacitação você fez, Macarena?

**M.C.** – Eu...Bom...Fiz aquele...É uma carreira de quatro anos que você sai com o título de “Treinador de Futebol Profissional” e além disso eu fiz um ano de Preparação Física aplicada ao Futebol no Chile também, na mesma faculdade. Eu estudei cinco anos futebol para técnica e também para saber de preparação física.

**M.N.** – Excelente. E você vê importância nas redes de contato dentro dessa carreira também?

**M.C.** – Com certeza. Sempre os contatos são importantes. Infelizmente e no mundo todo é assim. Você precisa ter bons contatos para ter um bom trabalho, para você mandar um currículo para um bom lugar, que te recomendem, que falem de você, que te indiquem. Essa é a palavra. Que te indiquem para algum lugar. Com certeza.

**M.N.** - Entendi. E agora, especificamente, sobre a estruturação da profissão de treinadora, em termos trabalhistas, queria que você dissesse um pouco como são as condições de trabalho...

**M.C.** –Vai depender do clube. Isso depende muito da estrutura que tem o clube, das condições financeiras que tem o clube. Poxa, há muita diferença de um para o outro. Mas eu acredito que todos tentam dar o melhor. O melhor que eles podem. Porque tem uns que são clubes de prefeitura, outros que tem um dono e assim, vai depender muito disso.

**M.N.** - Entendi. E de acordo com essa realidade, até mesmo a que você viveu no Brasil, por exemplo, no ano de 2016, você estava satisfeita com a remuneração?

**M.C.** – É...Bom...A remuneração...É tranquila. E também eu acho que depende do clube. Dependia da...[trecho interrompido]...Vai depender das condições do clube. Tem clubes que tem muita condição, tipo um Corinthians...É diferente de um time tipo pequeno.



**M.N.** – E você vê diferença, ainda que o clube tenha a mesma estrutura, nessa questão salarial entre os homens que treinam as mulheres e mulheres que treinam também mulheres?

**M.C.** – Hum..Eu posso te falar que na experiência pessoal não. Comigo era a mesma coisa com respeito ao salário. Mas é diferente quando se compara ao salário do homem que é técnico no masculino. Aí o salário deles é diferente estando no mesmo clube, entendeu? Mas os técnicos que trabalham com mulheres...É...Na minha experiência, não teve isso não. Foi a mesma coisa.

**M.N.** – Entendi. E o processo de formação da sua equipe, da sua comissão? Você como treinadora, perante todos os outros membros, tem autonomia para essa formação?

**M.C.** – Aí também depende do clube. Tipo, aí vai depender. Aqui no Vitória eles tem a comissão, sabe. Mas eu posso escolher, por exemplo, estagiários que me ajudem, mas aqui eles já te dão uma comissão. Por exemplo, agora eu estou indo para outro clube, *eu* estou escolhendo minha comissão. Eu vou ter uma auxiliar mulher. Vou ter um preparador físico homem, mas eu escolhi uma auxiliar mulher, eu quero técnica e auxiliar técnica mulher. Eles estão me dando opção de escolher minha...Aí vai também...Depende do clube, muito. Porque tem clubes que só contratam técnico, e auxiliar e preparador. Tem outros clubes que deixam o técnico levar sua comissão, auxiliar e preparador físico e vai depender muito disso. Dos clubes. Tenho autonomia sim, com certeza.

**M.N.** – Isso é ótimo. E de acordo com o que você vivenciou até aqui, como é sua relação com as pessoas que são lideradas por você?

**M.C.** – As pessoas da comissão ou as atletas?

**M.N.** – Tanto a comissão quanto as atletas.

**M.C.** – Vai depender porque às vezes você não conhece. Na minha experiência você...Eu tenho trinta anos, aí você vai chegar e vai comandar um cara mais velho aí você tem um

pouco de receio. Aí vai vendo a pessoa, como ganhar, como você entrar, como você ser com as pessoas. E com as atletas eu vejo que as atletas gostam muito de serem comandadas por uma mulher. Eu acredito que o futebol feminino tem que ser comandado por mulheres. Mesmo tendo homens, tem ótimos técnicos de futebol feminino, mas a modalidade fala né “*Futebol Feminino*”. Sempre esteve ligado ao masculino então tem que separar. Mas quando você é uma pessoa séria e uma pessoa que sabe e é segura do que você tem ninguém pode te falar nada. Mas sempre vai ter gente que não vai gostar de você, sempre vai ter gente que não vai querer ser comandado, sempre existem aqueles problemas.

**M.N.** - Entendi. Você gostaria de destacar algum desses problemas? Alguma dificuldade que você tenha encontrado hoje como treinadora?

**M.C.** – Olha...É que muito problema não teve, sabe. Minha experiência até o momento tem sido boa só que sempre vai encontrar pessoas que vão te criticar demais, ou: “Ah poxa, mulher sabe de futebol?”, “Estranho, né?!”, “Formada?”, então sempre vão ter pessoas que possam não acreditar. Mas aí vai da profissional que você é, como ganhar essas pessoas. Ganhar me refiro a como você ganhar a confiança. Com trabalho, demonstrando que você sabe, sendo líder com as meninas, entendeu? Mas eu, graças a Deus, não posso falar que tive problemas porque seria uma mentira. Mas com certeza dá para perceber que uma ou outra pessoa não pode gostar a todo mundo.

**M.N.** – E como se dá a conciliação entre sua vida profissional e a sua vida pessoal, Macarena?

**M.C.** – Bom, eu...Meu marido é técnico também. Então a gente...É...Vive futebol. Somos de futebol. Falamos de futebol, janta futebol [risos], então na verdade eu aqui não tenho uma vida muito social. Eu estou cem por cento vinculada ao futebol. Eu deixei tudo. Minha vida está no Chile. Meus pais, amigos. Eu no Rio tinha uma vida mais social, tinha amigos, tem uma comunidade chilena mas aqui, quando comecei a rodar um pouquinho aqui, Vitória já é mais difícil você fazer uma amizade. Mas eu concilio bem porque, poxa, é futebol o tempo todo. Aí eu com meu marido a gente está...Aí é mais difícil, às vezes,

porque está começando competição. Antes sempre trabalhamos juntos, agora está começando a acontecer que ele está indo para um lugar, eu estou indo para outro e aí fica mais complicado não separar. Mas agora estamos indo para o mesmo clube então isso que é bom.

**M.N.** – E como você vê as perspectivas de ascensão na carreira para mulheres dentro do treinamento aqui no Brasil?

**M.C.** – É...Sabe que aqui no Brasil eu vejo bastantes mulheres envolvidas com o futebol mesmo sendo poucas. São poucas mas tem e isso que é o importante. No meu país são poucas, você conta com uma mão, são cinco, seis...Somos as técnicas. Aqui já tem dez, tem quinze. No profissional ainda não tem muitas, mas você vai a uma escola, futsal tem sua técnica. Vai vendo que as meninas querem. Então eu vejo que cada dia mais está revolucionando. Cada dia mais as mulheres estão perdendo aquele medo de querer comandar um time. Não tem por quê ter, entendeu? Já é século XXI. Essa questão do machismo eu acho que até nós mesmas damos muita...Falamos muito disso e não tem que falar, tem que *atuar*. Nós que temos que correr atrás das coisas. O machismo existe sim mas somos nós que temos que parar isso mas não falando, simplesmente atuando. Querendo fazer acontecer. Querendo que as coisas sejam. E eu vejo que tem uma evolução muito grande e sinto que vai evoluir muito. Agora, gostaria de ver as atletas interessadas em ser técnicas. Eu tenho algumas atletas que querem muito ser preparadoras físicas e isso já é, poxa, uma vitrine para elas. Tem uma aqui no Vitória que estava estagiando com o masculino, então isso você vai vendo que elas querem mesmo. E com certeza daqui a um tempo vai ter muitas outras mulheres na modalidade aqui no Brasil.

**M.N.** – E a suas expectativas futuras como treinadora?

**M.C.** – As minhas expectativas. Bom, agora eu estou me mudando de clube e eu gostaria de rodar alguns clubes pelo Brasil, sabe. Não pretendo ficar sempre no mesmo lugar. Eu gostaria de rodar porque eu quero...Bom, meu sonho, minha pretensão maior é ser técnica da seleção chilena de futebol feminino. E por isso que eu fui embora do Chile. Porque eu compito com homens então para eu chegar lá, tenho que chegar muito preparada. Então

para mim é muito importante rodar, conhecer, trabalhar, ter experiência de vida. Gostaria de chegar longe mas para isso tenho que ter experiência. E minha expectativa maior seria chegar na seleção de futebol feminina ou qualquer outra seleção, quem sabe [riso].

**M.N.** – Bacana. Vai chegar. E existe algo nesse percurso, Macarena, que já tenha feito você pensar em desistir da carreira?

**M.C.** – Nunca. Jamais. Jamais. Eu sou uma pessoa que tenho um caráter muito formado, muito forte. E para mim desistir não está no meu vocabulário. Meu pai sempre me ensinou que você não tem que desistir das coisas, você tem que *persistir*. Mesmo que seja difícil, mesmo você chorando, tendo dificuldade você tem que persistir. E para mim foi muito grata a carreira que eu escolhi. Eu tive muito apoio, além da minha família, dos meus professores. Como são poucas as mulheres, eles incentivam muito as meninas que entram. Então isso, não. Eu queria, ao contrário, era estudar, estudar e estudar e tentar sair como uma das melhores, sabe. Eu sou competitiva então, poxa, para mim foi uma das melhores experiências.

**M.N.** – Legal. Eu finalizei as perguntas que tinha a fazer, gostaria agora de lhe pedir que caso eu não tenha abordado algum tema, não tenha te perguntado algo que você ache importante dizer, pode ficar à vontade para acrescentar, por favor.

**M.C.** - Bom...É...Acho importante nós técnicas trabalharmos muito na base do futebol feminino. Se fala muito do futebol profissional, que nós temos que estar, que falta mulheres no futebol profissional mas o que está faltando é a formação de atletas. Eu acho muito importante nós técnicas, além de querer estar no futebol profissional de alto rendimento, estar nas categorias de base. Aí que está o futuro. Aí que está o futuro do Brasil e do futebol mundial. Nas categorias de base, nós temos que formar aquelas meninas a partir dos cinco anos, como o trabalho que faz o Centro Olímpico e outros clubes aqui no Brasil. Mulheres que temos que fazer isso. Mulheres. Temos que ter mulheres formadoras, mulheres em cargos de formadora de atleta pequeno, tanto masculino como feminino, mas sobretudo, as atletas femininas porque o futebol sempre foi...As mulheres começam mais velhas. Antigamente, agora já começam mais novas,

mas tem que fomentar o futebol feminino das bases. Aí é onde tem que ter muita mulher. E aí você vai fazendo a sua carreira. Vai começando na base, aí vai subindo até chegar já no futebol profissional fazendo uma ascensão na sua carreira mas isso para mim é muito importante destacar. O futebol de base feminino é o que gostaria que todo clube pudesse ter, não só sub-17 e profissional ou sub-20 e profissional. [Trecho incompreensível] porque aqui no Brasil tem muita profissional, eu tenho conhecido meninas que gostam e querem. Só falta a estrutura e a possibilidade, simplesmente.

**M.N.** - Bacana. Muito obrigada então, Macarena. Eu finalizo aqui a entrevista. Todo esse áudio será transcrito e eu vou fazer a devolutiva a você para que confira, talvez possa até acrescentar algo mais que você se lembre, está bom?

**M.C.** - Está bom, muito obrigada você, Mariana. Espero que tenha gostado [riso]. Isso Mariana, eu quero te falar que o futebol feminino precisa de visibilidade. Precisa de pessoas como vocês...Como você que queriam mostrar para o Brasil p que está acontecendo. As técnicas, somos poucas, precisamos daquela visibilidade. Não só na competição, “ah poxa, chegou uma na semifinal” ou uma na final, precisamos que o tempo todo estejam incentivando a outras mulheres que se pode.

**M.N.** - Sim. Muito legal. Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]